

Funcionamento do gênero do discurso / *Operation of genre of discourse*

*Pollyanne Bicalho Ribeiro**

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir o conceito fundador de gênero do discurso proposto por Bakhtin (2003). Abordam-se estudos linguístico-discursivos que constituem a base para o entendimento tanto da constituição, quanto do *modus operandi* do gênero do discurso. A proposta é analisar a noção de gênero considerando a correlação entre os elementos de sua composição, as condições de produção (circunstâncias de enunciação e seu contexto sociohistórico) e os sujeitos sociais participantes do processo discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero do discurso; Dialogismo; Interação verbal

ABSTRACT

This paper discusses the founding concept of genre discourse proposed by Bakhtin (2003). It addresses linguistic and discursive studies that form the basis for understanding both the constitution and the modus operandi of the genre of discourse. The proposal is to analyze the notion of genre considering the correlation between the elements of its composition, the production conditions (circumstances of enunciation and their socio-historical context) and social subjects participating in the discursive process.

KEY-WORDS: Genre of discourse; Dialogism; Verbal interaction

*Professora da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil; pollyanne_br@yahoo.com.br

Introdução

O ato de linguagem é determinante para o engendramento de aspectos ideológicos, culturais, históricos nas mais variadas esferas sociais; tais aspectos sobrepesam a configuração e o funcionamento do ato na ação comunicativa. De certo modo, há parâmetros sociais, seguidos de maneira ritualística, que acabam por oferecer o arsenal de escolhas possíveis para a interação verbal. Poder-se-ia afirmar que essa relação descrita, essencialmente dialógica, é garantida ou traduzida pelo que Bakhtin (2003) definiu como gênero do discurso¹.

A partir dessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de identificar os aspectos constitutivos do gênero – as condições de sua produção, os campos de atividade humana nos quais ele é construído, os possíveis papéis sociais assumidos pelos participantes desse campo, a sua função social na interação – visto que “até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas” (BAKHTIN, 2003, p.282).

Por assim ser, qualquer esfera da atividade humana estará sempre relacionada com a utilização da língua e é a partir dessa premissa que a definição de gêneros do discurso ganha contornos mais precisos².

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Para Bakhtin, o emprego da língua se faz sob a forma de enunciados³ e, portanto, o enunciado é “unidade real da comunicação discursiva” (2003, p. 269). Ao defender

¹Embora aqui determinadas concepções, definições tenham sido creditadas a Bakhtin, importa ressaltar a problemática acerca da autoria dos textos produzidos pelo Círculo (cf. FARACO, 2003; CAMPOS, BRAIT; 2009). Inegável que Voloshinov, Medvedev, Kanaev, entre outros, contribuíram sobremaneira para o delineamento dos pressupostos dialógicos e, portanto, para a concepção de gênero do discurso. Necessário se faz reconhecer a pluralidade de vozes que configuraram o contexto daquele momento de produção epistemológica (1920 - 1970). Quanto ao ensaio “Os gêneros do discurso”, depreendido do livro *Estética da Criação Verbal* (2003 [1979]), base dos estudos deste artigo, vale ressaltar que, conforme Campos e Brait (2009), ele foi escrito por Bakhtin em 1950, na cidade de Saransk.

²Como acontece com outras proposições do Círculo, embora o conceito Gêneros do Discurso tenha atingido o seu maior acabamento teórico e visibilidade no ensaio “Os Gêneros do Discurso” (1952-1953), as obras anteriores do Círculo já refletiam o desenvolvimento desse conceito.

³Conforme notas do tradutor, Bakhtin não faz distinção entre enunciado e enunciação, o autor emprega o mesmo vocábulo (*viskázivanie*) para se referir ao ato de produção do discurso e ao discurso propriamente dito.

o enunciado como unidade da atividade comunicativa, o autor contrapõe a ideia de enunciado à de oração, afirmando que essa última não considera a alternância dos sujeitos do discurso, o contexto de produção, os enunciados alheios, enfim, não suscitaria a atitude responsiva dos interlocutores. A oração, portanto, é entendida como unidade da língua e, nesse sentido, está circunscrita pela esfera gramatical, podendo, caso se faça uma análise considerando a plenitude do enunciado, adquirir predicados estilísticos.

A noção de enunciado, por sua vez, fundada nos pressupostos dialógicos, incorpora o contexto verbal e o contexto extraverbal (aspectos situacionais, históricos, ideológicos), ou seja, ele materializa, concomitantemente, o que há de peculiar da situação enunciativa concreta e elementos sociodiscursivos estabilizados nas e pelas interações ao longo da História. O enunciado, sob o prisma bakhtiniano, é o garantidor do espaço do outro na dinâmica discursiva e, por conseguinte, constitui-se do fluxo de múltiplas vozes que ecoam da alternância dos sujeitos do discurso nas situações de comunicação. Ademais, por figurar como unidade da comunicação discursiva, o enunciado elucida especificidades das esferas sociais nas quais ele se constituiu.

Nesse sentido, se considerado sob o plano individual⁴, o enunciado carrega traços particulares à situação comunicativa, já que é *concreto e único*. Analisando-o sob uma perspectiva mais ampla, calcada no plano coletivo, o enunciado ganha uma relativa estabilidade decorrente dos usos em uma dada esfera social. É desse ponto de vista que Bakhtin anuncia a concepção de gênero do discurso, mencionando que se trata de *tipos relativamente estáveis de enunciados*.

Assim, para que se possa investigar um determinado gênero do discurso segundo a proposta bakhtiniana, faz-se imprescindível conhecer as circunstâncias em que o texto foi construído; seja sob a perspectiva dos sujeitos sociais que se inter-relacionam na situação comunicativa, seja sob a perspectiva da temática proposta, seja, por fim, sob os aspectos do meio social e suas implicações para a escolha dos recursos linguísticos e discursivos na produção textual.

1 Elementos constituintes do gênero do discurso

Ainda recorrendo à citação elucidada, definidora de gênero do discurso, Bakhtin apresenta a ideia de gênero alicerçada em três pilares: *conteúdo (temático)*, *estilo verbal e construção composicional*. Tais pilares, todavia, devem ser entendidos não de forma estanque e desatrelados da sua teoria. Pelo contrário, é fundamental que a leitura da relação entre os elementos citados se faça sob o escopo das proposições do autor e do Círculo e, conseqüentemente, inscrita nas perspectivas da corrente do dialogismo. Ademais, ele próprio defende a ideia de unidade entre os elementos constituintes do gênero discursivo ao afirmar que “o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais” (BAKHTIN, 2003, p. 266).

⁴De acordo com os pressupostos bakhtinianos, quando o plano individual é abordado face ao plano coletivo não há como desconsiderar o social, visto que “a personalidade individual é tão socialmente estruturada como a atividade mental de tipo coletivista” (BAKHTIN, 1988, p. 117).

Nesse contexto teórico, faz-se uma proposta de reflexão sobre os elementos essenciais (conteúdo temático/estilo/estrutura composicional) do gênero discursivo para a captação da dimensão dessa definição a que Bakhtin se reporta.

Passa-se, então, a focalizar o elemento *conteúdo temático*, objetivando compreender o seu papel no contexto dos gêneros do discurso. Bakhtin (2003, p. 282), ao refletir sobre a vontade preeminente do falante que consiste na *escolha de um certo gênero de discurso*, afirma que esta escolha é “determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc.”. Ele conclui, em seguida, que a *intenção discursiva do falante*, necessariamente, adapta-se, acomoda-se face aos parâmetros do gênero escolhido.

O elemento *conteúdo temático*, portanto, contemplaria aspectos peculiares ao sujeito, que participam diretamente da enunciação, como sua vontade, sua singularidade, conhecimentos semânticos construídos coletivamente nas práticas sociais. A dimensão individual, tratando-se particularmente do elemento *conteúdo temático*, não se impõe aos parâmetros reguladores do gênero eleito, como também as dimensões constituintes do gênero não condicionam totalmente as escolhas individuais. Há, sim, uma confluência das duas esferas, a individual e a do gênero, que resultará na configuração da situação enunciativa e nos seus efeitos.

De acordo com essa constatação, o *conteúdo temático* cumpriria o papel de orientador da *comunicação discursiva*. Ele é o tópico que garantirá a ativação de conhecimentos sociais discursivamente construídos.

Sobre o tema na perspectiva bakhtiniana, Grillo (2006, p. 1.825-1.834) salienta que “é um elemento do discurso e não das formas linguísticas”. Portanto, é defensável que se reconheça seu “caráter estável composto por regularidades produzidas: pelo campo da comunicação discursiva, pelo todo do enunciado – aí incluída a situação de interação verbal –, pela seleção e profundidade de abordagem dos aspectos do real e pela avaliação social”

O elemento *conteúdo temático*, visto como o tópico discursivo tomado em cena na enunciação, desencadeia múltiplos sentidos concernentes a outros enunciados que emergem no evento comunicativo. Ele colabora, obviamente integrado aos outros elementos, para que a memória discursiva venha à tona e subsidie a compreensão ativamente responsiva dos interlocutores.

Tal elemento, portanto, diz respeito à abordagem valorativa do objeto a ser referido discursivamente em uma dada situação comunicativa concreta. Em outras palavras, trata-se da potencialidade do dizer sobre um referente em determinada esfera social circunscrita por um intervalo de tempo e espaço, aquilo que é ou que pode tornar-se dizível pelo gênero demandado na interação verbal.

Conforme Bakhtin/Volochinov (1988, p.71), “a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem”, haja vista que os objetos do mundo físico, social ou subjetivo

serão necessariamente semiotizados quando abordados discursivamente. Esses mundos, nas interações entre sujeitos sociais, apresentam-se tão-somente como mundo discursivo.

Desse modo, a relação entre o elemento *conteúdo temático* e a significação é evidente, já que ambos participam do processo enunciativo. Isto é, a significação decorre dos usos reiterados da língua(gem), que garante aos referidos elementos uma relativa estabilidade. O *conteúdo temático*, por sua vez, constitui-se do sistema de significação que, diante de uma situação comunicativa concreta, é uno e, por isso mesmo, atualiza, (re)constrói a significação. A propósito da inter-relação entre conteúdo temático e significação, Cereja (2005, p. 202) aduz que “a significação é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior da mesma capacidade”. Ambos, então, são movidos pela mesma capacidade: a de significar e se retroalimentar.

O *conteúdo temático* apoia-se, a um só tempo, no plano imediato, constituído pela situação concreta de enunciação, e no plano mais abrangente, referindo-se às implicações históricas das relações sociais que insurgem pela significação, o que, para Bakhtin/Volochinov (1988, p.129), “é um aparato técnico para a realização do tema”. Em decorrência disso, para analisar o *conteúdo temático* é imprescindível levar em conta não só os aspectos linguísticos/textuais (escolhas lexicais, morfológicas, sintáticas, sequências tipológicas, etc.), mas também os aspectos enunciativos e discursivos (papel dos sujeitos, série de acontecimentos sociohistóricos, outros discursos que atravessam o discurso em construção, etc.). Em suma, para que se obtenha o devido entendimento do *conteúdo temático* é preciso recorrer à multiplicidade dos fatores linguísticos, textuais e discursivos que compõem o ato enunciativo.

A palavra, para Bakhtin (2003, p. 350), é um ponto convergente de vozes. Ela não é neutra. Estão ali, latentes, experiências diversas dos sujeitos sociais. Mesmo conferindo os créditos da escolha e utilização da palavra ao autor, a palavra “não lhe pertence com exclusividade”, já que é fruto da História, e, sendo assim, pertenceria a todos. Nesse sentido, a palavra existe para o falante em três âmbitos: “como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra.” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Vale dizer, ainda, que o *conteúdo temático* no evento enunciativo ativa não só significações de palavras ditas, como também significações de palavras não ditas. Em outros termos, diante da atuação da memória discursiva, as experiências dos sujeitos sociais emergem e são expressas por meio de vocábulos ou pela falta deles. Em outros termos, por apagamentos.

A situação enunciativa concreta deve ser vista como um evento uno, singular e exaurível face ao intervalo de tempo no qual ele se processa, visto que é um acontecimento. Mas, como não poderia deixar de ser, já que a situação de comunicação é fundada no dialogismo, ela também deve ser vista como uma cena em que transparecem outras cenas, nas quais conta com a atuação da diversidade e multiplicidades das experiências vivenciadas por sujeitos sociais ao longo da História.

Diante do exposto, o conteúdo temático, longe de ser somente o assunto focado na enunciação, é um dos eixos dos quais o locutor, diante da sua movência, da sua plasticidade,

vale-se para se manter socialmente coerente.

Nesse sentido, Medvedev (1994) propõe o conceito “apreciação social”, que, por oferecer o acervo valorativo que os sujeitos sociais tomam como parâmetro na prática comunicativa, acaba por garantir tanto o reconhecimento das estabilizações, quanto da unicidade do enunciado. A “apreciação social”, enquanto sistema interpretativo, faz com que as formas de expressão sejam reconhecidas como tais e, portanto, sejam julgadas pertinentes ou não para a demanda enunciativa.

Assim, “é impossível compreender um enunciado concreto sem nos acostumarmos aos seus valores, sem compreender a orientação de suas apreciações no meio ideológico” (MEDVEDEV, 1994, p. 121). Através da “apreciação social”, o enunciado dado, particularizado por aspectos sociohistóricos, ganha sentido e, por conseguinte, também o grupo de pertença, evocado na interação verbal, dota-se de sentido.

Sobre o elemento *estilo*, Bakhtin atribui a ele, um papel imprescindível para a atividade de linguagem, já que “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 265). O referido autor reforça o posicionamento de que o estilo deve ser entendido como elemento do gênero. Assim, defende que é sob os parâmetros dos gêneros que esse elemento deve ser estudado. Nesse contexto, o pensador russo (2003) explicita sua crítica quanto à disciplina estilística da língua, salientando suas falhas, à medida que ela não considera aspectos relacionados à *unidade do fundamento*, cuja base se constitui nos pressupostos da noção de gênero. Portanto, qualquer análise que se faça fora desses moldes é *pobre e pouco diferenciadora*.

Bakhtin (2003) aborda o elemento *estilo* sob dois prismas: um voltado para a individualidade do sujeito (estilo individual), o outro para as práticas de linguagem, das quais a coletividade participa, garantindo-lhe certa estabilidade (estilos de gênero).

O estilo individual é resultante da singularidade do sujeito enunciativo, das escolhas particularizadas do ser na dinâmica discursiva. O estilo do gênero é fruto da convergência dos usos linguísticos, textuais e discursivos reiterados em um dado contexto enunciativo. A tensão entre o animus do indivíduo e o caráter regulador do que está *a priori*, relativamente estabelecido, resultará na configuração do quadro enunciativo com o qual é possível operar na interação verbal.

Contudo, Bakhtin (2003, p. 265-266) salienta que nem todos os gêneros são igualmente propícios a refletir a individualidade do locutor *na linguagem do enunciado*, sendo que, a depender do gênero demandado pela situação comunicativa, pode-se revelar, em maior ou menor grau, a personalidade individual daquele que enuncia. A ideia de que o estilo é resultante tanto das escolhas individuais como da ordem modelada pela coletividade condiz com a premissa de que o sujeito não é assujeitado pelo meio, como também não age de maneira soberana, sem qualquer influência desse meio. A ação comunicativa se dá a partir da tensão das duas dimensões e, por conseguinte, é reveladora e geradora de aspectos da individualidade e da coletividade. Desse modo, o sujeito social se expressa e se forma através da linguagem.

Alinhado a essa perspectiva, Volochinov (1981) sustenta a seguinte definição para *estilo*:

[...] o estilo é o homem; mas podemos dizer que o estilo é, pelo menos, dois homens, ou mais exatamente, um homem e um grupo social representado pelo ouvinte que participa permanentemente no discurso interior e exterior do homem e encarna a autoridade que o grupo social exerce sobre ele (VOLOCHINOV, 1981, p. 212).

Volochinov (1981), portanto, reforça o papel do dialogismo na configuração do estilo nas várias instâncias sociais traduzidas pela relação do homem consigo próprio, do homem com outro homem e do homem com o grupo social.

Quanto ao último elemento, a *construção composicional*, Bakhtin (2003, p. 282) defende que “falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo”.

O ato comunicativo, por conseguinte, realiza-se através de um formato, de uma organização linguística, textual, discursiva reiterada em determinado campo de atividade humana. Quanto a essa organização, há nela certa regularidade, garantida pelo uso da linguagem, que permite a identificação e recurso a um determinado gênero diante de uma demanda comunicativa, já que “o gênero escolhido nos sugere os tipos e os seus vínculos compositivos” (BAKHTIN, 2003, p. 282).

A despeito do caráter regulador da forma do gênero, há espaço para a expressão do sujeito, visto que, ao participar das atividades de linguagem, ele (re)elabora, (re)cria, (re)formula formas de gênero. Destarte, instaura um processo de atualização dos diversos gêneros do discurso presentes na sociedade.

Bakhtin (2003, p. 266) define as unidades compositivas como “determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” Essa assertiva permite perceber a dimensão a que Bakhtin se reporta quando delinea o elemento constituinte em questão. Significa dizer que ele considera que a *construção composicional* se configura a partir da eleição de elementos linguísticos e discursivos que sustentarão o gênero e garantirão seu acabamento. Ademais, defende as implicações da tomada de posicionamento dos sujeitos no discurso (assunção de papéis sociais), do interdiscurso, entre outros, para a formatação do gênero do discurso.

A construção composicional cumpre a função de integrar, de sustentar e de ordenar as propriedades do gênero. Ela é apropriada pela forma arquitetônica, que está vinculada com o “projeto de dizer” do locutor, constituindo o aspecto por assim dizer técnico da realização do gênero, contribuindo para identificá-lo e distingui-lo diante de outros gêneros. O elemento em estudo pode também ser entendido como a logística do gênero, pois cumpriria a atribuição de estruturar e relacionar os elementos constituintes, a ponto de garantir uma unidade orgânica e, portanto, uma vitalidade ao gênero, sempre a partir do projeto enunciativo.

Vale ressaltar a diferenciação entre forma arquitetônica e forma composicional proposta

por Bakhtin (1990[1924], p. 25)⁵. As formas arquitetônicas consistem nas “formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc”. Nelas há potencialidade para a singularidade da existência estética, ao passo que, tal singularidade efetivamente se realiza por meio dos atos das formas composicionais.

As formas composicionais, portanto, assumem um caráter “teleológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica” (BAKHTIN, 1990[1924], p.25). Sobral (2005, p.113) sintetiza o papel da forma composicional e da forma arquitetônica, ao afirmar que elas “se vinculam constitutivamente, integrando a si, ao mesmo tempo, as especificidades do material: se a forma arquitetônica (parte do objeto estético) determina a forma composicional (parte da obra externa), só graças a ela vem aquela a existir”.

Rajo (2000, p. 196), ao abordar as três dimensões essenciais dos gêneros do discurso, define a forma composicional como “elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero”. Trata-se, pois, da forma de dizer o dizível (conteúdo temático), diante da seleção dos *recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua* (estilo).

Os três elementos explicitados por Bakhtin em sua definição de gêneros discursivos fundem-se, estão intrinsecamente ligados, formando um único corpo com o objetivo de propiciar as interações sociais. Isso, por sua vez, permite a formação dos interlocutores e, em última instância, do meio do qual esses sujeitos participam. Mesmo porque, “se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível” (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Constata-se, então, que ao estudar o gênero, deve-se levar em consideração os vários elementos constituintes que se apresentam imbricados e, muitas vezes, imperceptíveis à primeira vista, mas que, necessariamente, devem ser contemplados para que o estudo se faça de forma satisfatória. Para tanto, não há como prescindir de aspectos políticos, sociais, culturais, históricos, ao promover a análise de um determinado gênero.

2 O caráter dialógico do gênero

Retomando o excerto bakhtiniano quanto aos gêneros discursivos, a definição ali apresentada abarca outros fatores essenciais – interação, dialogismo, polifonia – que devem ser considerados no plano do gênero para o entendimento do uso da linguagem nas esferas sociais.

⁵É importante salientar que os estudos da forma arquitetônica devem se basear nas leituras do texto “O problema do conteúdo, do material e da forma da criação” (1924), complementadas pelas considerações de “O autor e o herói” (1920-1930), além, é claro, dos outros textos do Círculo que corroboraram para a configuração da noção de Gênero do Discurso. Tais estudos devem levar em consideração o distanciamento histórico e as possíveis alterações na teoria, problemas de tradução, entre os textos dos anos 1920 e o texto sobre os gêneros do discurso (1953-54).

Tomando como premissa que o dialogismo é fator essencial da comunicação, ou seja, apresenta-se como o princípio através do qual há produção e compreensão de sentidos e, ainda, aderindo à tese de que todo ato comunicativo se realiza através de um dado gênero, faz-se necessário afirmar que os gêneros discursivos são essencialmente dialógicos. Seja nos meios mais familiares, esferas privadas, seja nos meios oficiais, esferas públicas, as relações interativas definem, de forma relativa, o que se diz, como se diz e por que se diz. Isto é, a partir das interações e nas interações, os gêneros se constituem e emergem.

Machado (2005, p. 159) faz menção à relação entre gênero e história, fundada na teoria do dialogismo. Para a autora, o gênero “está inserido na cultura, em relação a qual se manifesta como ‘memória criativa’ onde estão depositadas não só as grandes conquistas das civilizações como também as descobertas significativas sobre os homens e suas ações no tempo e no espaço”.

Cada grupo social, situado no tempo e no espaço, possui sua gama de gêneros de discurso. Assim, através da análise dos gêneros que circulam em um determinado grupo social, é possível reconhecer a identidade desse grupo face às crenças, às expectativas, às frustrações, às peculiaridades dos sujeitos que compõem tal grupo social. E, ainda, flagrar movimentos de mudanças, de tomadas de posicionamentos, de (re)construção identitária. De acordo com Bakhtin/Volochinov (1988, p. 113-114), “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera constroem-se suas deduções interiores, motivações, apreciações, etc.”.

Reiterando, todo gênero, em conformidade com os princípios bakhtinianos, sendo *tipos relativamente estáveis de enunciados*, traz respostas advindas de experiências dos sujeitos nas interações verbais, já que “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 297). São respostas de toda ordem: seja como manifestação individual do locutor em relação aos aspectos pontuais relacionados às situações do seu cotidiano, seja como manifestação coletiva exposta pelo locutor quando ele se inscreve como porta-voz do grupo ou quando o toma como referência, opondo-se a ele. De qualquer forma, no evento de interação, o locutor busca cúmplices e, nesse movimento, faz emergir vozes que permitem entender minimamente as formas de significar objetos discursivos.

Segundo Bakhtin (1988, p. 132), “não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. Logo, o contexto sociohistórico dará condições à enunciação como também à produção de sentido e, conseqüentemente, influenciará a assunção de papéis sociais do locutor e do interlocutor (real ou virtual) na comunicação discursiva.

Para que haja completo entendimento, os interlocutores se valem da atitude responsiva e reagem aos enunciados, evidenciam suas indignações, reflexões, emoções, expõem, ao mesmo tempo, a si e a seu grupo, constituem-se como também constituem seu grupo. Isso porque a “compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 332).

Levando ainda em consideração o caráter dialógico da atividade comunicativa, “o

enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 301). De acordo com esse excerto, o enunciado cumpre o papel de trazer à tona respostas precedentes e, ainda, de instigar outras respostas. Trata-se de um elo entre o que já foi dito e o que está por ser dito. Nesse movimento de adesão e não-adesão transparece o fluxo de vozes dos sujeitos sociais que refletem traços peculiares à dimensão da qual participam; desse modo, determinam aspectos identitários do sujeito enunciativo e da esfera social evocada na enunciação.

Essa possibilidade de (re)constituição identitária do ser, em um dado grupo social, se deve sobretudo ao fenômeno da polifonia, haja vista que “nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas), é pleno de *palavras dos outros*, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de apercetibilidade e de relevância” (BAKHTIN, 2003, p. 294-295). A partir das palavras dos outros repensam-se posicionamentos, incorporam-se reflexos de experiências vivenciadas pelos membros nas interações, reiteram-se ações ou se lhes refutam, realçam-se distinções ou assumem-se similitudes.

Seguindo essa linha de raciocínio, Silva e Matencio (2005, p. 253) ressaltam que “a identidade é (re)construída num processo assentado numa ambivalência – eu e outro, eu e exclusão do outro – que devemos compreendê-lo como produzidos em espaços históricos, sociais e culturais específicos”. Assim, o locutor, na situação comunicativa, gerencia vozes – a sua, a do grupo social – constrói-se e desconstrói-se via o falar de si e dos outros sob os parâmetros do gênero. Rupturas, deslocamentos emergem, a condição de membro do grupo se faz notada e elucidada acontecimentos sociohistóricos, que imprimiram valores ideológicos na sua essência.

Reitera-se esse ponto de vista com a proposição de Bakhtin/Volochinov (1988, p. 122), a partir da qual se defende que “a estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social”. Desse modo, o sujeito é fruto das relações com o outro, das formas de constituir e significar objetos de discurso e, por sua vez, do uso dos gêneros do discurso, tendo em vista a demanda de um dado campo da atividade humana.

A significação, então, possibilita uma reconfiguração dos objetos do discurso diante das ações de linguagem reconhecidamente reiteradas pelos participantes de uma determinada esfera social. Por conseguinte, ressurgem os mais variados e inesgotáveis gêneros discursivos à medida que tal esfera se expande, estreita-se, modifica-se.

É preciso dizer que a partir da noção de gênero cunhada nas obras do Círculo de Bakhtin, outras (re)leituras foram feitas, campos de pesquisa surgiram de acordo com diferentes filiações e propósitos investigativos, posicionamentos foram assumidos, não necessariamente consonantes, mas reveladores da heterogeneidade e fluidez próprias do objeto tomado para estudo.

De qualquer forma, apesar de se constatar uma zona fronteira instável do ponto de vista teórico e metodológico, trazer várias formas de abordar o objeto gênero é permitir identificar, no traçado do caminho epistemológico, as possíveis contribuições desse objeto para a Linguística e para a Linguística Aplicada.

Nesse sentido, Matencio (2003, p.2) defende que, através dos estudos do gênero, é

possível analisar a ação de produção de linguagem calcada na aproximação das abordagens sociais e cognitivas. A autora ressalta, primeiramente, o modo variável com que as correntes da Linguística abordam o objeto gênero: seja vendo-o mais atrelado ao texto, seja mais circunscrito à esfera cognitiva, relacionado aos “modelos mentais”, ou considerando-o, no âmbito do interacionismo, como “contratos” sociais. No entanto, ela afirma que, apesar da diversidade quanto ao modo de focalizar o fenômeno, há um ponto de convergência nessas abordagens, que consiste em “perceber o gênero como realidade fundamental da linguagem”.

Logo, considerando-se tal lugar comum entre os vários segmentos da Linguística, o gênero se revela como um fenômeno linguístico/discursivo potencialmente capaz de favorecer análises que atrelem contribuições cognitivas e sociais. A título de ilustração, Matencio aduz que o gênero funcionaria como uma ponte entre o cognitivo e o social e, assim sendo, apresenta-se como um objeto de estudo de suma importância para a percepção da atividade de linguagem seja intra e/ou intersubjetivamente.

No que tange ao interacionismo sociodiscursivo (ISD), Rojo (2005) estabelece uma distinção entre pesquisas voltadas aos gêneros do discurso e aquelas calcadas nos gêneros textuais. De acordo com a autora, a “[...] teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-histórico [...] e [a] teoria dos gêneros de textos – na descrição da materialidade textual.” (ROJO, 2005, p. 185).

Sobral (2006) defende a abrangência do conceito de gênero do discurso/discursivo a ponto de englobar os chamados gêneros textuais, visto que, se os gêneros são entendidos como práticas sociais relativamente estáveis de instauração de eventos de sentido, realizando-se pelos discursos, todo e qualquer gênero, por definição, seria, inevitavelmente, discursivo. Para o autor, o gênero textual recobriria aspectos da significação, ou seja, aspectos relacionados ao sistema da língua, e de composição da estrutura textual, mas não abarcaria nem aspectos relacionados ao sentido, ligados ao sistema de uso da língua, nem da estrutura arquitetônica dos textos. Ele propõe a seguinte diferenciação para gênero de discurso e gênero textual, o primeiro seria “formas de inserção do discurso em ‘lugares’ sócio-históricos” e o segundo, “formas específicas de materialização dessa inserção, sem que haja uma correlação necessária entre um dado tipo de textualização e um dado gênero” (SOBRAL, 2006, p.119)

O quadro do ISD (SCHNEUWLY e DOLZ 2004; BRONCKART 1997; 1999, entre outros), portanto, propõe uma teoria textual na qual os textos mobilizam gêneros (logo, a teoria aborda gêneros textuais) e Bakhtin uma teoria discursiva em que os gêneros mobilizam textos (logo, aborda gêneros discursivos), haja vista que todo texto é parte de um gênero. Ainda assim, há nesse quadro a possibilidade de compatibilização com o arcabouço bakhtiniano, uma vez que também para o ISD o gênero existe em situações sociais e históricas de interação.

Nesse sentido, Schneuwly *et al* (2004, p. 22), em diálogo com o pensamento histórico-cultural, sustentam a ideia de que “o gênero pode ser considerado um instrumento psicológico no sentido vygotkiano do termo”. Conforme os autores, os gêneros seriam

megainstrumentos através dos quais se poderia operar na prática comunicativa. Teriam função de tornar possível a ação comunicativa à medida que fornecem subsídios sociais, imprescindíveis, para que o sujeito se insira no quadro enunciativo. Tratar-se-ia, pois, de um instrumento psicológico no sentido vygotskiano, porque, configurado por elementos sociodiscursivos, propiciaria ao indivíduo se expressar, manifestar sua singularidade, pautado em certa coerência social. Por assim ser, dada a sua natureza também histórica, tornariam acessíveis conhecimentos constituídos no âmbito do mundo discursivo.

Schneuwly reconhece a natureza simbólica do gênero, isto é, o gênero é visto como um instrumento, composto de signos ideológicos, capaz de mediar as relações entre sujeitos em uma determinada esfera social, “é configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos” (2004, p. 28).

Recorrendo a Vygotsky (2005, p. 63), “uma vez admitido o caráter histórico do pensamento verbal, devemos considerá-lo sujeito a todas as premissas do materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade”. Em consonância com Vygotsky (2005), Schneuwly (2004) e Matencio (2003), o gênero do discurso seria um megainstrumento que, do ponto de vista da dimensão coletiva, é estruturante do meio e estruturado por ele e, da mesma forma, do ponto de vista individual, é estruturante do pensamento e também estruturado por ele. Então, ele não se fecharia nem na condição de reflexo das experiências coletivas, nem das experiências individuais: seria fruto da tensão dialógica dessas dimensões e daí resultaria a sua dinamicidade pulsante, como também sua heterogeneidade e sua movência.

Esse comportamento não comprometeria o caráter regulador que é da natureza do gênero. Ele exerceria o poder de ordenar semioticamente tanto a esfera coletiva, como a esfera individual, ambas sociais, e de deixar transparecer propriedades dessas duas esferas.

Considerações finais

Há dois traços presentes na composição dos gêneros: por um lado, tendem a uma relativa estabilidade nas práticas sociais, possuem “unidade genérica”; por outro, possuem uma tendência natural a inovar, a fim de se adaptar à demanda comunicativa.

Essa natureza ambivalente do gênero torna-o um importante recurso à compreensão do sujeito envolvido em situações comunicativas. Através da análise do gênero é possível reconhecer movimentos de rupturas, mudanças de paradigmas, (trans)formações ocorridas no interior da esfera social evocada na interação. Analisar os infundáveis gêneros produzidos na sociedade permite perceber propriedades dessa sociedade, ou seja, ao se investigarem os gêneros, examina-se, sob certo ângulo, a identidade de um determinado campo de atividade humana.

Qualquer estudo que se faça sobre um determinado gênero deve se valer, necessariamente, do entendimento das ações sociais exigidas pelas contingências enunciativas. Nesse sentido, os gêneros se evidenciarão como um sistema que permitiria interpretar o agir humano em situações de comunicação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1979] *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V. N.). [1929] *Marrismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, M. [1924] *Questões de literatura e de estética - A teoria do romance*. Trad. A.F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 1990. p. 13-70.
- BRAIT, B.; CAMPOS, M. I. B. Da Rússia czarista à web. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.
- BRONCKART, J. P. [1997] *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos: Por um Interaçionismo Sócio-discursivo*. Trad. A. R. Machado. São Paulo: EDUC, 1999.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-219.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- GRILLO, S. V. A noção de 'tema do gênero' na obra do Círculo de Bakhtin. *Estudos Lingüísticos XXXV*, São Paulo, v. 1, n. 35, p.1825-1834, 2006.
- MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN, 3, 2003, Rio de Janeiro. *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, no prelo.
- MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (Orgs.). *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.
- MEDVEDEV, P. N (1928). *El método formal en los estudios literarios*. Introducción crítica a uma poética sociológica. Trad. T. Bubnova. Madri: Alianza Editorial, 1994.
- ROJO, R. H. R. Interação em sala de aula e gêneros escolares do discurso: Um enfoque enunciativo. In: Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN, 2, 2000, Florianópolis. *Interação em sala de aula e gêneros escolares do discurso: Um enfoque enunciativo*. Florianópolis, SC: UFSC/ABRALIN, 2000. v. CD-ROM.
- ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, J. Q. G; MATENCIO, M. L. M. Referência pessoal e jogo interlocutivo: efeitos identitários. In: MATENCIO, M. L. M.; KLEIMAN, A. B. (Org.). *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

SOBRAL, A. Ético e Estético. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 103-121.

SOBRAL, A. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VOLOSHINOV, V. N. [1926] Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. In: Todorov, Tzvetan *Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique*. Suivi de écrits du cercle de Bakhtine. Paris: 1981. p.181-215.

Recebido em 04/03/2010
Aprovado em 29/05/2010